



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 09/12/2019



QUADRO DE ADESÕES NO BRASIL



SITUAÇÃO EM 02/12/2019



Ferramenta CityRAP - Resiliência da cidade: ferramenta de planejamento de ações

O CityRAP Tool é o principal produto do DiMSUR. É uma ferramenta usada para treinar gestores de cidades e técnicos municipais em cidades de pequeno a médio porte na África Subsaariana. O CityRAP permite que as comunidades compreendam e planejem ações destinadas a reduzir riscos e aumentar a resiliência por meio do desenvolvimento de uma Estrutura de Ação para Resiliência.

O CityRAP foi projetado como uma ferramenta capacitadora e não prescritiva, pois o princípio central é promover a propriedade do governo local e das comunidades. O processo CityRAP inclui um conjunto de treinamentos, exercícios e atividades direcionados aos municípios que desejam iniciar seu planejamento de ações de resiliência.

O CityRAP coloca os governos locais e as partes interessadas urbanas no banco do motorista do planejamento de resiliência urbana para garantir a retenção e o uso da capacidade. O design da ferramenta permite que os governos locais a adaptem e implementem com mínima intervenção externa. Ele se baseia em métodos participativos - como autoavaliações do governo local, exercícios participativos de mapeamento de riscos e planejamento de ações intersectoriais - para alavancar o conhecimento local para entender e planejar a resiliência.

O resultado da ferramenta CityRAP é uma Estrutura de Resiliência para Ação (RFA)

O RFA é um documento chave que orienta os tomadores de decisão a melhorar a resiliência da cidade e reduzir os riscos. A RFA identifica desafios e prioridades relevantes de acordo com o contexto e as realidades locais. Ele define as principais ações a serem implementadas a curto, médio e longo prazo para superar os desafios, promovendo estreita colaboração e coordenação entre os setores. A prerrogativa mais importante da RFA deve ser implementável.

FONTE:http://dimsur.org/wp-content/uploads/2019/03/CityRAP-Tool_Booklet_05032019-compressed.pdf



Impactos das mudanças climáticas sobre danos socioeconômicos causados por eventos climáticos na China

A China é vulnerável aos impactos das mudanças climáticas, e este estudo investiga os possíveis danos socioeconômicos para a China decorrentes de eventos relacionados ao clima sob condições climáticas futuras. Um modelo de duas partes que incorpora uma abordagem bayesiana hierárquica é empregado para explorar os efeitos do clima sobre danos humanos (a parcela de pessoas afetadas em uma população total) e danos econômicos (a parcela de perdas econômicas no produto interno bruto).

Com base nessas relações, as mudanças relativas nos danos socioeconômicos sob vias de concentração representativas são apresentadas nos níveis regional e nacional. Os resultados mostram que a China experimentaria um aumento nos danos socioeconômicos de eventos relacionados à chuva sob vias de concentração representativas 2.6 e vias de concentração representativas 4.5, e os incrementos mais altos apareceriam principalmente nas áreas central e sudoeste.

As condições climáticas futuras podem aumentar significativamente os danos nacionais causados por eventos de seca sob vias de concentração representativas 8.5. Os danos em algumas províncias do norte e sudeste podem dobrar até 2081-2090. O dano nacional aos seres humanos devido a eventos relacionados ao frio é praticamente inalterado na maioria dos cenários climáticos; no entanto, o dano econômico associado tem tendências de baixa.

FONTE: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2Fs11069-019-03588-2.pdf>



OMS alerta para “campanhas de desinformação” nas redes sociais sobre sarampo

Mais de 140 mil pessoas morreram por causa do sarampo em 2018, indicam novas estimativas da Organização Mundial da Saúde, OMS, e do Centros dos Estados Unidos para Controle e Prevenção de Doenças, CDC.



Mais de 140 mil pessoas morreram por causa do sarampo em 2018. Foto: Opas
Segundo a agência da ONU, os casos da doença aumentaram globalmente, com surtos arrasadores em todas as regiões.

Vacinas

A OMS alerta para perigosos baixos níveis de vacinação, estimulados por "campanhas de desinformação" em redes sociais.

É possível evitar o sarampo através da vacinação, mas as taxas de imunização contra a doença em todo o mundo estagnaram por quase uma década.

A agência estima que 86% das crianças tenham recebido a primeira dose da vacina através dos serviços de rotina de seu país em 2018, mas menos de 70% receberam a segunda dose recomendada.

Em todo o mundo, a imunização não tem sido adequada para evitar surtos. A OMS recomenda uma cobertura de 95%, com duas doses da vacina, para proteger as populações da doença.

Nos últimos 18 anos, estima-se que a vacinação contra o sarampo tenha salvado mais de 23 milhões de vidas.

Samoa

Como exemplo do impacto das mensagens de mídia social, a OMS cita o arquipélago de Samoa, onde apenas 31% da população da ilha tem imunidade contra o vírus.

A situação resultou numa grande crise de saúde, com hospitais e clínicas sobrecarregados. Em 15 de novembro, o governo declarou estado de emergência. No país de cerca de 196 mil habitantes, mais de 60 pessoas, principalmente bebês e crianças pequenas, morreram desde o início da epidemia.

Ao todo, foram registrados mais de 4,2 mil casos da doença em Samoa. Na quinta-feira o governo ordenou uma paralisação nacional antes de uma campanha de vacinação para toda a população.

Impacto

A diretora de Imunização, Vacinas e Biológicos da OMS, Kate O'Brien, disse que "a desinformação que se espalha pelos canais de mídia social está realmente afetando as decisões dos pais sobre a vacinação dos filhos e o resultado é que as crianças estão desenvolvendo sarampo e algumas estão morrendo."

O'Brien acrescentou que todos sabem "que existe uma vacina segura, eficaz, acessível e amplamente disponível para prevenir o sarampo, e ela existe há 50 anos." Segundo a especialista, "é realmente uma falha coletiva que esses surtos estejam acontecendo, com um aumento no número de casos e mortes, e o motivo é que as pessoas não são vacinadas."

Crianças

A maioria das mortes ocorreu entre crianças menores de 5 anos. Bebês e crianças muito jovens correm maior risco de infecções, com possíveis complicações, incluindo pneumonia e encefalite, além de incapacidade ao longo da vida, com dano cerebral permanente, cegueira ou perda auditiva.

O vírus também pode ter outros impactos na saúde a longo prazo, com danos à memória do sistema imunológico que duram meses ou até anos. Essa situação deixa os sobreviventes vulneráveis a outras doenças potencialmente mortais, como gripe ou diarreia grave.

Fracasso

Para o diretor-geral da OMS, Tedros Ghebreyesus, "o fato de qualquer criança morrer de uma doença que pode ser evitada com uma vacina, como o sarampo, é um ultraje e um fracasso coletivo."

Ghebreyesus afirmou que é preciso "garantir que todos possam se beneficiar das vacinas, o que significa investir em imunização e assistência médica de qualidade."

Regiões mais afetadas

De acordo com a agência da ONU, os piores impactos ocorreram na África Subsaariana.

Em 2018, a região africana teve 1.759 milhão de casos, com 52,6 mil mortes. Na região das Américas foram 83,5 mil casos, na região leste do Mediterrâneo, mais de 2,8 milhões casos e 49 mil mortes, e na região europeia, mais de 861 mil casos e 200 mortes.

No sudeste da Ásia, ocorreram mais de 3,8 milhões de casos e 39,1 mil mortes e no Pacífico Ocidental, foram registrados mais de 408 mil casos e 1,3 mil mortes.

Em 2018, os países mais afetados foram a República Democrática do Congo, Libéria, Madagascar, Somália e Ucrânia. Esses países foram responsáveis por quase metade de todos os casos no mundo.



Unicef/UMichele Sibiloni

Na República Democrática do Congo, a epidemia de sarampo afeta todas as 26 províncias do país e foram registradas mais de 5 mil mortes,

RD Congo

Na República Democrática do Congo, RD Congo, a OMS anunciou uma campanha para vacinar cerca de 2,2 milhões de crianças no Kivu Norte. A região também combate o segundo pior surto de Ebola do mundo.

A epidemia de sarampo afeta todas as 26 províncias do país. Desde o início de 2019, foram registrados mais de 250 mil casos suspeitos e mais de 5 mil mortes, principalmente entre crianças menores de 5 anos.

Baixas taxas de imunização e altos níveis de desnutrição contribuíram para a epidemia e altas taxas de mortalidade. A meta é que a campanha de vacinação alcance 18,9 milhões de crianças até o final do ano.

Estados Unidos e Europa

Embora os maiores efeitos sejam sentidos nos países mais pobres, alguns dos Estados mais ricos também combatem surtos de sarampo.

Este ano, os Estados Unidos registraram seu maior número de casos em 25 anos. Na Europa, Albânia, República Tcheca, Grécia e Reino Unido perderam o status de eliminação do sarampo, após prolongados surtos da doença.

FONTE: https://news.un.org/pt/story/2019/12/1696931?utm_source=ONU+News+-+Newsletter&utm_campaign=37dc832b9c-EMAIL_CAMPAIGN_2019_12_06_01_00&utm_medium=email&utm_term=0_98793f891c-37dc832b9c-105027597



Um dilema da linguagem: "Desastres naturais" na literatura acadêmica

Por décadas, seções da comunidade acadêmica enfatizaram que desastres não são naturais. No entanto, políticos, mídia, várias organizações internacionais - e, surpreendentemente, muitos pesquisadores estabelecidos que trabalham em estudos de desastres - ainda usam amplamente a expressão "desastre natural". Os autores analisaram sistematicamente o uso da expressão "desastre natural" por desastre. estuda pesquisadores em 589 artigos em seis principais periódicos acadêmicos representativos da pesquisa de desastres e descobriu que os autores estão usando a expressão de três maneiras principais:

1. delinear riscos naturais e induzidos pelo homem;
2. usando a expressão para alavancar popularidade; e
3. criticando a expressão "desastre natural".

Os pesquisadores também identificaram temas de vulnerabilidade que ilustram o contexto do uso de "desastres naturais". As implicações de continuar usando essa expressão, enquanto pesquisamos explicitamente a vulnerabilidade humana, são amplas e aqui é explorado o que isso significa para nós e nossos colegas. Este estudo visa particularmente estimular o debate dentro da comunidade de pesquisa de estudos sobre desastres e campos relacionados, sobre se o termo "desastre natural" é realmente adequado para o propósito de avançar.

FONTE: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2Fs13753-019-00232-2.pdf>

A EPA deve tomar ações adicionais para gerenciar os riscos das mudanças climáticas

As mudanças climáticas podem aumentar a frequência e a intensidade de certos desastres naturais, que podem danificar os locais do Superfundo - os locais de resíduos perigosos mais contaminados do país.

Dados federais sugerem que cerca de 60% dos sites do Superfund supervisionados pela EPA estão em áreas que podem ser impactadas por incêndios florestais e diferentes tipos de inundações - riscos naturais que podem ser exacerbados pelas mudanças climáticas.

Este relatório examina, entre outros objetivos

1. o que os dados federais disponíveis sugerem sobre o número de sites não federais de inadimplência localizados em áreas que podem ser impactadas por efeitos selecionados das mudanças climáticas e
2. até que ponto a EPA gerenciou riscos para a saúde humana e o meio ambiente a partir dos possíveis impactos dos efeitos das mudanças climáticas nesses locais.

O GAO analisou os dados federais disponíveis; leis, regulamentos e documentos revisados; entrevistou funcionários federais e partes interessadas; visitou três locais não federais de inadimplência que sofreram desastres naturais; e comparou as ações da EPA para gerenciar riscos aos seis elementos essenciais do GAO de gerenciamento de riscos corporativos.

FONTE: <https://www.gao.gov/products/GAO-20-73>



Medição da resiliência de inundação para comunidades: guia do usuário do estudo pós-inundação

Este é o Guia do Usuário, mostrando as etapas necessárias para implantar o estudo pós-inundação na Medição de Resiliência de Inundações para Comunidades (FRMC). Este documento não deve ser usado no campo diretamente com as comunidades ou fornecer aos trabalhadores do campo conhecimentos básicos sobre os aspectos de resiliência abordados.

Somente avaliadores treinados precisarão usar este documento para medir os resultados, com base nos dados coletados através do trabalho de campo. Da mesma forma, os resultados fornecerão dados para serem considerados pelas equipes de implementação e análise de pesquisa, em vez de alimentar diretamente a comunidade (os resultados serão compartilhados e discutidos).

Naturalmente, algumas das informações coletadas podem ser usadas pelos governos locais, ONGs e possivelmente outras partes interessadas quando se comunicam com as comunidades e o público em geral. Muitas dessas partes interessadas já podem coletar a maioria desses dados como parte de suas próprias avaliações do evento.

FONTE: <http://repo.floodalliance.net/jspui/bitstream/44111/3274/1/Post%20flood%20study%20user%20guide.pdf>



A linguagem é importante: perigos do nome impróprio de “desastre natural”

Apesar da inconfundível cumplicidade humana em desastres, a ideia de que os desastres são simplesmente parte do estado natural das coisas permanece difundida. Isso se reflete no uso frequente da expressão "desastre natural". Este artigo examina a literatura de organizações não-governamentais internacionais (ONGIs) e organizações intergovernamentais (ONGs) que utiliza a expressão “desastre natural”. Os autores examinam como a expressão é usada, discutem as razões pelas quais é problemática e, em última análise, argumentam que, culpando e atribuindo continuamente a responsabilidade pelas falhas do desenvolvimento à “natureza”, nós - como sociedade - deixamos de prestar contas àqueles que criam risco de desastre.

A Seção 2 fornece uma visão geral da terminologia principal que enfatiza que os desastres são produzidos socialmente. A Seção 3 descreve a metodologia e é seguida pela Seção 4, na qual os resultados da análise são apresentados. A Seção 5 reúne a discussão argumentando que o risco é criado de várias maneiras, mas, em última análise, é o sistema socioeconômico predatório que caracteriza o status quo atual - um status quo que prospera com a discriminação de raça, classe e gênero - que impulsiona o criação de risco e evita qualquer tentativa de derrubar seu domínio. Na conclusão, os autores argumentam que o idioma atualmente sendo usado, particularmente a expressão “desastre natural”, não está ajudando a tratar as causas profundas dos desastres. Indiscutivelmente, está prejudicando a causa.

Este artigo é uma contribuição para a edição de 2019 do Relatório de Avaliação Global sobre Redução de Riscos de Desastres (GAR 2019).

Para citar este artigo:

Chmutina, K .; von Meding, J. et al. A linguagem é importante: perigos do nome impróprio de “desastre natural”. Artigo de contribuição para GAR 2019

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/65974_f410finalkseniachmutinalanguagematt.pdf



Governança orçamentária para redução de riscos de desastres e adaptação às mudanças climáticas sob o novo sistema federal do Nepal

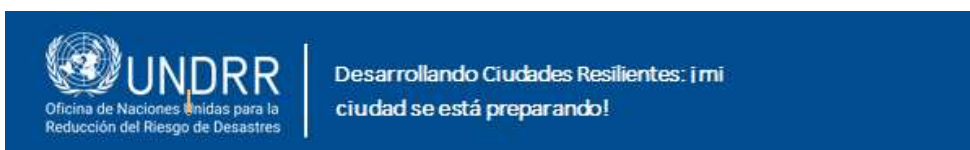
Este resumo fornece uma visão geral das descobertas e recomendações dos formuladores de políticas para melhorar os investimentos em redução de riscos de desastres (RRD) e adaptação às mudanças climáticas (CCA) no nível do governo local no Nepal, para que investimentos maiores possam ser feitos para aumentar a resiliência das comunidades.

O Nepal implementou recentemente uma nova estrutura de governança federalizada - uma mudança significativa da administração em nível distrital para uma estrutura desconcentrada de sete províncias e 753 municípios que cobrem áreas urbanas e rurais. Os municípios agora têm autoridade e responsabilidade para planejar e executar a prestação de serviços que foram historicamente realizados nos níveis distrital e nacional, inclusive para questões sobre redução / gerenciamento de riscos de desastres e mudanças climáticas.

A Mercy Corps realizou pesquisas em sete municípios da província de Sudurpashchim para entender como os governos locais estão investindo em RRD e CCA na nova estrutura. Entrevistas com informantes chave, discussões em grupos focais, revisão de documentos secundários e análise do orçamento municipal foram realizadas para entender os processos e alocações de governança para RRD e CCA, com foco especial na resiliência a inundações.

FONTE: http://repo.floodalliance.net/jspui/bitstream/44111/3273/1/Policy%20Brief_Nepal%20Budget%20Governance%20Zurich.pdf

EVENTOS



Intercâmbio entre cidades das Américas e Caribe.

Data: 11 e 12 de dezembro de 2019

Local: cidade de Campinas - SP

Em 17 de maio de 2019, durante a Plataforma Global de Redução de Riscos de Desastres em Genebra (Suíça), o Departamento de Defesa Civil de Campinas no Brasil recebeu o Prêmio Sasakawa, que reconhece indivíduos, organizações e iniciativas que contribuem para garantir a Participação e inclusão sem discriminação de todos os membros da sociedade, especialmente as pessoas que vivem na pobreza, em atividades para reduzir o risco de desastres.

OBJETIVOS DO INTERCAMBIO

O evento busca:

- Promover a aprendizagem entre pares por meio da socialização de experiências, boas práticas e lições aprendidas em Campinas,
- Fortalecer a rede regional de cidades comprometidas com a redução do risco de desastres,
- Apresentar progresso na aplicação das ferramentas, metodologias e abordagens da Campanha Global para o Desenvolvimento de Cidades Resilientes: Minha Cidade está se preparando!
- Fortalecer as capacidades da região para acompanhar tecnicamente os processos de formulação de planos de redução de riscos de desastres no nível local e a implementação de ações que fortaleçam a resiliência urbana.

PARTICIPANTES

O evento contará com a presença de representantes dos seguintes municípios e países:

- **Tegucigalpa - Honduras.** Cinthia Borjas Valenzuela, Coordenadora da Unidade de Gerenciamento de Risco Integral, Prefeitura do Distrito Central.

Cidade da Guatemala - Guatemala. Douglas Rodas, Coordenador da Área de Logística do Centro de Operações de Prevenção de Emergência; Município da Guatemala.

- **Santo Domingo Este - República Dominicana.** Luisa Taveras. Secretário Técnico da Câmara Municipal de Santo Domingo Este.

- **Guayaquil, Equador.** Allan Hacay-Chang. Diretor Municipal de Gerenciamento de Riscos de Desastres, Município de Guayaquil.
- **Colômbia** - Miguel Eduardo Luengas Torres. TBC. Sub Diretor de Riscos de Desastres. Unidade Nacional de Gerenciamento de Riscos
- **Brasil** - Coordenador Regional de Proteção e Defesa Civil , Diretor da Defesa Civil de Campinas e Promotor Brasil da Campanha das Cidades Resilientes - UNDRR



Brasil

PNUD Brasil divulga Relatório de Desenvolvimento Humano 2019

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) lança na próxima segunda-feira (9) o Relatório Global de Desenvolvimento Humano 2019 – Além da renda, além das médias, além do hoje: desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI.

O evento, que terá a presença da representante-residente do PNUD no Brasil, Katyna Argueta, e de representantes de governo, sociedade civil, setor privado, academia, corpo diplomático e organismos das Nações Unidas e outras organizações internacionais, terá início às 10h, no auditório do B Hotel, em Brasília (DF).

A coordenadora da Unidade de Desenvolvimento Humano do PNUD no Brasil, a economista Betina Barbosa, apresentará os resultados do relatório, entre eles, a atual situação do Brasil, conforme os indicadores de acesso a saúde, educação e distribuição de renda medidos até 2018.

Um dos recortes do relatório traz o retrato das diferenças sociais e econômicas de gênero.

Olhar mais profundo

Neste ano, o PNUD lançará um relatório que pensa o desenvolvimento para além das médias, além da renda e além do hoje e acredita que ele poderá contribuir de forma significativa para a formulação de políticas públicas no Brasil e no mundo.

O documento aponta que, apesar dos ganhos substanciais em saúde, educação e padrões de vida, as necessidades básicas de muitas pessoas permanecem não atendidas; paralelamente uma próxima geração de desigualdades se inicia.

Clima e Tecnologia

Duas mudanças são chave para o século XXI: a mudança global do clima e as transformações tecnológicas. Os desafios da mudança do clima atingem todas as pessoas, especialmente as mais pobres; enquanto os avanços tecnológicos podem deixar para trás grupos inteiros.

Desde o primeiro Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) no mundo, em 1990, o PNUD já lançou mais de 700 relatórios com temas fundamentais para a vida de milhões de pessoas.

Para informações à imprensa:

Luciano Milhomem – Coordenador de Comunicação do PNUD no Brasil: comunica.br@undp.org

Samanta Sallum – Consultora para o lançamento do RDH 2019: samantasallum@gmail.com

FONTE: <https://forms.office.com/Pages/ResponsePage.aspx?id=Xtvlis0QpN0iZ9XSIrOVDGSBeFL5Y5BplkCvBHhau8BVUQ1ZYRUxWRDVENIJUQVFXQIJCQ1JZMUpCOC4u>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>